

MENSAGENS DA VARANDA: PODE UMA MULHER NEGRA VOAR?

Débora Campos de Paula¹

RESUMO: O presente artigo é uma resposta a instigante proposição do dossiê, Mulheres Negras Experiências na Pele e na Vida, e pretende, a partir da experiência encarnada de uma mulher-negra-artista-pesquisadora, refletir sobre aspectos que nos atravessam pessoal e coletivamente a partir de nossa existência, em uma sociedade marcada pelo racismo e machismo. Pretende, igualmente, apontar alguns caminhos trilhados no sentido de descobrir, inventar e realizar escapes à proposta colonizadora que atua sobre nossos corpos de uma forma insidiosa e perversa.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofias do corpo. Contra colonizar. Mulher-negra.

MESSAGES FROM THE BALCONY: CAN A BLACK WOMAN FLY?

ABSTRACT: This article is a response to the instigating proposition of the dossier, Black Women Experiences in Skin and Life, and intends, from the embodied experience of a black woman-artist-researcher, to reflect on aspects that cross us personally and collectively from our existence, in a society marked by racism and sexism. It also intends to point out some paths taken in order to discover, invent and make escapes from the colonizing proposal that acts on our bodies in an insidious and perverse way.

KEYWORDS: Philosophies of the body. Against colonizing. Black-woman.

¹ Pós-doutorado no *Consórcio de Estudios Afrolatinoamericanos/Centro de Estudios Afrodiaspóricos (CEAF) Universidad Icesi*, Colômbia. Pesquisa financiada pelo *Afro-Latin American Research Institute - Harvard University*. E-mail: debcampos2222@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-4680-2912>

MENSAJES DESDE EL BALCÓN: ¿PUEDE VOLAR UNA MUJER NEGRA?

RESUMEN: Este artículo es una respuesta a la propuesta instigadora del dossier, Experiencias de mujeres negras en la piel y en la vida, y pretende, desde la experiencia encarnada de una mujer-artista-investigadora negra, reflexionar sobre aspectos que nos atraviesan personal y colectivamente desde nuestra existencia, en una sociedad marcada por el racismo y el sexismo. También pretende señalar algunos caminos emprendidos para descubrir, inventar y hacer escapes de la propuesta colonizadora que actúa sobre nuestros cuerpos de manera insidiosa y perversa.

PALABRAS CLAVE: Filosofías del cuerpo. Contra colonizar. Mujer-negra.

INTRODUÇÃO

[...] Tenho sido mulher
há muito tempo
cuidado com meu sorriso
sou traíçoeira tenho magia antiga
e a nova fúria do meio-dia
com todos os seus futuros amplos
prometidos
Eu sou
mulher
e não branca.
(Audre Lorde)²

Da varanda vejo o topo de uma árvore. Em diferentes momentos do dia, pássaros diversos pousam nos galhos mais altos. Chegam solitários, em duplas, ou em bandos, de lá espalham seus sons de pássaros, ficam um pouco e se vão. Penso: Será que os pássaros que eu vejo também me olham? E, se olham, será que identificam em cada varanda os movimentos,

² Poema “Uma mulher fala”, tradução de Ricardo Domeneck. Disponível em <https://www.escritas.org/pt/t/47873/uma-mulher-fala>. Acesso em: 08/dezembro/2024.

os sons das pessoas? Será que o que observam são as coisas que nos distinguem ou aquelas que nos assemelham? Será que enxergam a cor de nossa pele, se somos machos ou fêmeas, ou apenas, que somos criaturas grandes que se movem com os pés no chão e não sabem voar?

Por que começar este texto falando de pássaros? Penso que é para chegar ao tema deste dossiê por um caminho um tanto diferente daquilo que tenho lido e escrito sobre algo que está na pele, na vida e presente nas reflexões cotidianas: a experiência de ser mulher e negra. Talvez por um desejo de ser vista ou de me pensar como imagino que os pássaros me percebam, só mais uma criatura no mundo. Não estou me furtando a discutir e encarar todas as questões e atravessamentos que o fato de ser mulher e negra me impõe, tenho feito isso de diferentes formas: escrevendo, dançando, educando, em roda de amigos em papos descomprometidos regados a cerveja, e em tantos outros momentos de lazer, quando vou ao mercado, arrumo minha casa, me relaciono com meu companheiro e com minha filha. A partir do momento que compreendi que muitas coisas que sentia desde a infância, que alguns incômodos sem nome, algumas dores aparentemente infundadas, alguns sentimentos de não lugar, inadequação e fragilidade, estavam sobre o enorme guarda-chuva chamado racismo-machismo³, não pude mais *des-enxergar, des-ouvir, des-sentir, des-entender*, aquilo que passou a ser óbvio: eu não era mais, só uma criatura do mundo, era uma criatura negra e mulher.

A indissociabilidade entre raça e gênero é discutida e exemplificada de forma bastante clara em um episódio da infância de Grada Kilomba (2019), onde uma simples consulta médica converte-se em um momento de exercício de poder, manifesto na opressão ordinária de um médico branco para com sua paciente, uma menina negra. Este episódio, intitulado “Você gostaria de limpar nossa casa?” está longe de ser um fato isolado. Muda-se o cenário e alguns atores, mas, a presunção de subserviência, de destituição da infância, de violência, vista com ar de benevolência por parte de quem a pratica, é algo recorrente e naturalizado.

³ Utilizo o hífen para marcar a posição indissociável que vou adotar para essas palavras, a partir da minha experiência de mulher-negra.

Lélia Gonzalez (2018) traz, em “Mulher negra: um retrato”, a história de outra menina, essa, lançada na vida laboral desde a infância, como algo naturalmente previsto. Um ciclo que reforça estereótipos e continua sendo a realidade de muitas meninas, apesar do texto ter sido publicado originalmente em 1979. Em “A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica” (GONZALEZ, 2018) a autora aborda como a sobreposição de raça, gênero e situação econômica particulariza e reforça ainda mais a opressão:

Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão [...] ela se volta para a prestação de serviços domésticos [...] Enquanto empregada doméstica, ela sofre um processo de reforço quanto a internalização da diferença, da subordinação e da “inferioridade” que lhe seriam peculiares (GONZALEZ, 2018, p. 44).

Beatriz Nascimento (2021) evidencia como a condição de subalternidade, perpetuada e normalizada socialmente tem seu nascedouro na estrutura colonial e, como a mulher negra, contrariamente a mulher branca, desde sempre, foi vista como produtora, dotada de papel ativo na maquinaria do mercado, tanto como mão de obra, quanto como geradora de trabalhadores e como essa segunda função, implica na projeção de outros estigmas como o da hipersexualização e o da mulher parideira. Todas estas imagens e muitas outras reverberam na construção subjetiva, na percepção pessoal e coletiva da mulher negra, atuando de forma profunda e, muitas vezes, silenciosa no modo como passamos a nos perceber. Nesse entrelaçamento entre o interno e o externo, entre o pessoal e o coletivo, entre o que é próprio e o que é herdado, vamos tecendo possibilidades de nos relacionarmos com as distinções hierarquizadas, impostas através de marcadores de gênero, raça e classe social, que nos são apresentados desde a infância de forma mais ou menos explícita.

Ser uma mulher negra brasileira implica reencontrar a menina negra que viveu, ou ouviu relatos de suas mais velhas, de situações que reforçavam

a distinção hierarquizada das infâncias, matizada pela cor da pele, pelo gênero e pela situação econômica. E, ainda que eu não compreendesse a magnitude, as origens e as implicações destas experiências, elas conformaram, de forma mais íntima, aquilo que penso e sinto sobre mim mesma. Colocar em perspectiva, requalificar, reelaborar esta construção não é uma tarefa fácil, sobretudo quando continuamos esbarrando com situações e estruturas que reforçam o entendimento de que, ainda que consigamos suplantar um dos elementos da tríade, gênero-raça-situação socioeconômica, através, por exemplo, da qualificação profissional, somos lembradas de que para ocupar alguns espaços precisamos ser mais, precisamos provar que merecemos ser a exceção. Como aponta Sueli Carneiro: “A brancura funciona como um elemento que sempre desempataria em favor do branco. Você é juíza, mas... é negra. Você é... porém é negro!” (CARNEIRO, 2011, p. 116).

Ao mesmo tempo, os espaços “destinados” à nossa presença, como as tarefas laborais subalternizadas, muitas expressões artísticas-culturais negras, as manifestações afro-religiosas, são igualmente alvo de estigmas, depreciação e/ou apropriação. Mais uma violência operante, que relega às culturas, às expressões negras e aos lugares ocupados por negras(os) e mulheres, às posições hierarquicamente inferiores. A constatação de que há um lugar racializado e generificado reservado às mulheres negras na sociedade, lembra o que Neusa Santos Souza descreve em *Tornar-se negro* (2021): “um processo doloroso, mas fundamental, para a construção da identidade negra é o enfrentamento do auto ódio e da imagem negativa introjetada, estes são passos inevitáveis no percurso de se tornar sujeito de si, não mais objeto do olhar do outro”.

Desta forma, reconhecer os espaços simbólicos e materiais nos quais fomos historicamente colocadas, como subalternas, exóticas ou descartáveis, é também parte do movimento de ruptura e reconstrução. Redescobrir valores, reflexões, saberes, em manifestações, expressões e lugares internos e externos que nos ensinaram como sendo inferiores é fundamental para sarar velhas feridas e sedimentar caminhos de cura. E foi nesse movimento, ainda inconsciente, que comeci a me aproximar de corpos, saberes e práticas que me convocavam, de modos arrebatadores,

sem que eu soubesse por quê: rodas de capoeira, dança afro, musicalidades que me atravessavam sem pedir licença, e mestres que me ensinavam a partir do corpo e da presença, reconfigurando o que antes era visto apenas como margem. Fui percebendo a complexidade, a sofisticação dos saberes não eruditos. Fui revisitando e encontrando as formas como os saberes eram transmitidos, como as reflexões eram suscitadas.

Nas histórias contadas e recontadas por minhas avós fui conhecendo uma forma de narrativa que se dá pela repetição, pela construção de imagens através da palavra, pela expressão do corpo, da voz. Que se dá pela inserção da contação de histórias ao longo dos fazeres da vida cotidiana. Histórias fantásticas que contavam das dores, alegrias e lutas, que falavam dos preconceitos vividos e perpetuados sem nomeá-los ou palestrar sobre eles. Entendimentos que chegavam por uma pausa mais longa, um sorriso sutil, um olhar marejado, uma mudança na tonalidade da voz, uma inclinação de corpo. Gestos, delicadezas feitas de corpo e emoção a cada história que era a mesma e outra. Pensar sobre estes momentos familiares me fez reencontrar, nos lugares de afeto já existentes, a importância das figuras negras femininas que me formaram e compreendê-las no lugar de sabedoria e reexistência, com todas as particularidades, contradições e imperfeições. Me fez, após muitos anos, ponderar, mas sem condescendência, as muitas falas e atitudes auto depreciativas e de auto ódio das mesmas pessoas que me ensinaram a força e a potência de ser quem sou.

Imagino que, para pessoas que cresceram em um ambiente afro referenciado, com informações, conversas e referências, que desde cedo ajudaram a sua auto percepção e suas relações no mundo, a partir do entendimento de sua negritude, possam ter experiências muito distintas das minhas. Confesso, que em alguma medida, já invejei esse lugar, que sempre me pareceu menos confuso, oscilante e em construção. Muitas vezes imaginei como seria crescer conhecendo e valorizando pessoas negras importantes na filosofia, política, ciências. Ser instruída a observar a presença, força e competência de pessoas como eu, em todos os campos de conhecimento e expressão. Essa não foi minha realidade e, embora as percepções sensíveis sobre a minha autoimagem de criança negra recebessem informações a todo momento sobre a cor da minha pele, meu

cabelo, sobre traços valorizados como meus olhos claros, a construção subjetiva da minha negrura foi sendo construída por fragmentos. Os desconfortos e sensações de inadequação, a percepção, nem sempre tão óbvia, de que estava sofrendo algum preconceito, se mesclava aos aprendizados sociais de adequação e aceitação, de negociar com espelhos de afirmação e valorização que não me refletiam.

Mas, talvez, fazer parte, desde sempre, de um ambiente afro referenciado e dialogar, a todo o tempo, com uma realidade externa ao seu núcleo, que contradiz, duvida e desvaloriza aquilo que se aprendeu como parte integrante de si, afinal não seja tão tranquilo quanto imaginei. Se saber negra, no nível reflexivo, desde a infância, em uma sociedade extremamente racista, mas, que finge não ser, provavelmente, também traz implicações conflituosas. Possivelmente, um dos pontos mais cruéis dos mecanismos de exclusão e subjugação pela questão racial e de gênero, é o fato de estarmos invariavelmente presas a uma determinação que se impõe, quer pensemos nisso ou não, quer tenhamos plena consciência das injustiças e violências que nos marcam ou não.

Se nos sabemos negras, estamos comprometidas a entendermos mais de nossa história, de nossas múltiplas realidades no Brasil e em outras partes do globo que compartilham a diáspora negra, de compreendermos as particularidades de possuir o duplo adjetivo mulher/negra, de pensarmos a ordem desses atravessamentos, melhor dizendo, se somos: mulheres negras ou negras mulheres. Nos implica em uma coletividade com a qual nos sentimos responsáveis, que é claro, também nos sustenta, mas, que de algum modo faz com que respondamos por pensamentos, dores e atos no plural. Nesse jogo, que ao menos no meu caso, me parece inevitável, em muitos momentos me sinto cansada, é, como se para existir, eu precisasse a todo tempo me recriar discursivamente, confesso que tenho desejado e buscado outras formas de elaborar os lugares de luta, os desconfortos e a necessidade de continuar trazendo a questão do racismo e sexismo, afinal, esta história mal contada está longe de ser reescrita de forma não excludente, não abusiva, não violenta.

Essa violência, inscrita de forma explícita ou discreta, pode nos tirar o ar, nos lançando em um esforço, sem descanso, para responder

os atravessamentos, as questões relacionadas a ser negra-mulher. Como se, só a nós interessasse e coubesse refletir, opinar e se afetar sobre as abominações sociais referentes a raça e gênero. A sensação de exaustão constante, que emerge da necessidade de se refazer discursivamente para afirmar a própria existência, de estar sempre tentando encontrar novos caminhos para resistir e (re)existir, não é fruto de uma experiência isolada. Ela age nos corpos e subjetividades de muitas mulheres negras, que, como eu, vivem sob um fôlego curto, como quem aprende a respirar embaixo d'água. Sueli Carneiro (2011) dá nome a esse sentimento: uma asfixia social. A autora aborda como o cruzamento entre racismo e sexismo marca nossos corpos, como esse sistema os limita, silencia e adocece. Esse sufocamento aparece nas estatísticas, refletido em dados concretos de desigualdade: menor expectativa de vida, sequelas emocionais com danos à saúde mental, rebaixamento da autoestima e confinamento em espaços sociais desvalorizados e com menor remuneração. Trata-se, portanto, de uma violência estrutural que atua desde muito cedo de modo persistente e multidimensional.

Para encontrar formas de respirar, tenho pensado muito na proposta de corpo território, não como uma metáfora ou uma junção de palavras de efeito, não como um conceito, penso no território que sou, penso nos meus espaços corporais, penso em um corpo que ocupa e é ocupado, que se desenha pela fisicalidade, pela memória, pelo sentir, pela relação, pelo movimento, que se comunica, que se reinventa nas dinâmicas de adoecimento e estar bem, no cuidado que reservo a mim mesma, na dimensão do carinho e da escuta. Exercito respirar sentindo o ar que preenche o dentro e fora do corpo, o ar que também nutre a terra, me compreender um corpo de terra airada que intercambia com outros corpos elementos que limpam e nutrem. Exercito estar em coletividade, em parceria, principalmente com outras mulheres, intercambiar movimentos e palavras. Exercito descumprir alguns caminhos que talvez tenham pensado para mim. Exercito subverter minha dança, minha escrita, minha maternidade, a forma de compartilhar saberes. Exercito parar para mirar o mundo, pousar meus olhos nas águas, nos corpos, nas montanhas, nas árvores. São exercícios que exigem um deslocamento, uma posição ativa,

muitas vezes uma convocação pessoal para não ser levada para os velhos lugares de um confortável insidioso adoecimento.

E, quanto mais observo as árvores e seus pássaros visitantes, os mares e suas marés, mais me pergunto sobre como observar a natureza que está dentro, na superfície da pele, na fronteira com o mundo, permeada e invadida de tudo que me cerca. Como reconhecer os sinais, as pistas internas/externas que surgem como a revoada de pássaros quando o tempo vai mudar? Olhando da varanda observo a dinâmica das nuvens, sinto o vento e o cheiro de terra quando a chuva vem chegando e me pergunto, como estar atenta a mim mesma. Outro entendimento que me chega olhando da varanda é que não raro meu clima interno, meus ossos, minha digestão, de algum modo dialogam com os movimentos e humores dos dias. Às vezes acordo e, antes mesmo de abrir os olhos, já sei que o dia está nublado, chuvoso ou ensolarado e quando ele brinca de se modificar em várias estações em um único dia, também meu humor, meu corpo é convidado a acompanhá-lo.

Como estou em viagem⁴, com uma rotina muito diferente e mais só, estou sendo brindada por um tempo de estar: um tempo de escuta dos meus silêncios e das falas do mundo. Esse não é um lugar comum, deveria ser, mas não é. Quando partimos para esta possibilidade, pensando na interseccionalidade gênero, raça e posição socioeconômica, este desfrute é algo raro ou mesmo inexistente em toda uma vida, da esmagadora maioria das mulheres negras e pobres. Então, outra questão me provoca: como nos reconstruirmos, como lidarmos com nossas subjetividades, com nossos corpos, com nossa inteireza, pensando nas vergonhas, nos medos, incompletudes e inseguranças, que tão eficientemente foram introjetados na carne de meninas como eu, e que hoje, me travam a coluna, me fazem doer os joelhos, me provocaram calo nas cordas vocais, me enchem de aftas, me fazem, por vezes, me perceber farsante ou inconsistente diante dos meus saberes? Como trilhar esse caminho de me abraçar, me amar, me ver bela em minha negrura, em meu ser mulher?

⁴ Intercâmbio de pós-doutorado ICESI/CEAF e Instituto de Pesquisas Afro-Latino-Americanas (ALARI), Harvard University (EUA). Consórcio Universitário em Estudos Afro-Latino-Americanos, cidade de Cali, Colômbia, 2024-2025.

Muitas vezes escolho a alegria, só porque posso e porque às vezes consigo, mas sei que o ecossistema que habito, desde a infância, está em desequilíbrio brutal e que, como todas as criaturas que fazem parte dele, as consequências me atingem. Em certos momentos, a luta é para não me adaptar demais e me transformar na girafa de pescoço mais comprido dos livros de biologia, me esticando para alcançar galhos cada vez mais altos. Para a teoria da evolução, a adaptação é uma consequência positiva em favor da sobrevivência da espécie, entretanto, algumas adaptações nos embotam os sentidos, enfraquecem o desejo, debilitam o corpo, nos fazem perder ganas de viver e de dançar a vida.

Por vezes a vida nos empurra a urgência e logo nossos passos, nossa fala, nosso amor está impregnado de urgência, e nos adaptamos. Por vezes a vida nos empurra o engolir sem mastigar, o comer sem saborear, nos acostumamos ao insípido, e nos adaptamos. Por vezes a vida nos propõe movimentos vazios e o corpo vira um executor sem arte, sem desejo sem afetação, e nos adaptamos. E, algumas vezes essas adaptações serão aplaudidas, receberão diplomas, melhores posições sociais, nos farão crer que finalmente pertencemos ao mundo que realmente vale. Que, ao nos adaptarmos, evoluímos na selva social. Sei que estou trazendo até agora, um tom acinzentado e pouco animador para essa história, mas, deixei de ter problema com os dias nublados, eles também possuem suas energias, seus coloridos e luminosidade por traz das nuvens, por vezes trazem o silêncio necessário que nos avisa para ficarmos mais quietas. Claro que este sentimento, informado e ratificado pelo sol que se esconde, pelos pássaros que ficam menos falantes, pelas folhas que balançam de forma mais suave, são, invariavelmente, traduzidos em nossa mente colonialmente adestrada, por preguiça, melancolia, falta de vergonha na cara e disposição para o trabalho, que é sempre urgente e imperativo.

Muitas vezes escolho a alegria porque lembro das palavras de minha Iyá⁵: “Oxum está no sorriso, na celebração da vida”. E, como filha das águas doces, permito que ela seja esta celebração em mim, utilizo a alegria como uma tecnologia ancestral e um saber trazido em minhas

⁵ Mãe Mácia de Oxum do Egbè Ilê Ìyá Omidayè Ašé Obalayó.

células prenhez de água. É preciso se permitir a alegria, pois, mais uma das poderosas formas de enfraquecimento, inculcada pelo racismo-sexismo é o roubo do direito de sorrir, de gozar, de se alegrar com nada e apesar de tudo, de fazer da alegria arma e suporte para não se deixar invadir pela dor que o outro insiste em te ofertar em palavras e ações. Como aponta Sueli Carneiro (2011):

É preciso esquecer por instantes o número de vítimas chacinadas e celebrar a vida e a luta pela emancipação que se trava a cada dia, que tanto faz recrudescer a violência e o ódio racial quanto aumenta em cada um de nós a consciência de por que morremos. É preciso ir ao encontro da vida para buscar forças para resistir (CARNEIRO, 2011, p. 79).

A indignação, a revolta, a raiva também são sentires fundamentais e, em muitos casos, é aquilo que mantém uma pessoa de pé e caminhando, quando esvaziaram seus dias de afetos, de dignidade, da possibilidade de esperar. Mas, algumas vezes são esses sentires que nos adoecem, de formas muito diversas e insidiosas e quase sem percebermos, acabamos por nos nutrir de uma responsividade aquilo que nos atinge. Fomos capturados na armadilha, nossas vidas estão mais uma vez a serviço de responder ao ódio, descaso e violência de um outro, que ao final do dia, por vezes, nem se deu conta da sua gigantesca participação na máquina racista e machista.

É preciso desconfiar dessa armadilha que nos aprisiona na lógica da vigilância constante, do medo, da raiva como motor exclusivo da ação. Sueli Carneiro nos oferece uma imagem potente ao descrever o instante em que recusa a paranoia internalizada pelo racismo estrutural e escolhe, conscientemente, ser conduzida pela alegria da imagem: Atravesso uma praça e um grupo de adolescentes negros joga carteadado. Minha mente viciada na paranoia da violência não deixa de imaginar: se passar um carro de polícia por aqui agora, eles estarão em apuros e pode até acontecer o pior. Parecem jogar buraco e uma dupla vence festejando com

alegre algazarra. Rejeito a armadilha da mente paranoica e deixo a algazarra alegre penetrar em mim, e ela também me anuncia: “Viveremos!” (CARNEIRO, 2011, p. 79).

O roubo da possibilidade pueril de encantamento do cotidiano talvez seja uma das mais sofisticadas e sutis formas de escasseamento da experiência, condicionando nosso olhar, nosso sentir, à reatividade informada pelo racismo-sexismo. Recordo das inúmeras vezes que, ao chegar em uma festa, restaurante, espaços acadêmicos, imediatamente começo a contabilizar, de forma automática, o número de pessoas negras, de mulheres. Busco entender quais são as posições que estas ocupam na dinâmica do espaço. É uma espécie de estratégia de sobrevivência e busca por uma rede de apoio que possa me fazer sentir um pouco mais acolhida, pertencente e segura.

Se tudo isso é verdade, ou ao menos, uma das verdades possíveis para essa conversa que é tão complexa, cabe a pergunta: de que modo escapamos? Como não nos deixamos viver para que outros tenham a satisfação de nos tirar a alegria, o sono, de controlar nossa ira e nossa tristeza? Penso que uma das possibilidades é resgatar, reaprender e inventar formas de fechar nossos corpos é, como bem diz Nego Bispo (SANTOS, 2023), não deixar o colonialista entrar no quilombo, que é o mesmo que não deixar que o colonialista entre em nós. E quando, amplio nossa conversa para falar de colonialidades, o faço a partir do entendimento de que racismo e sexismo são a sapata e as vigas da construção colonialista, edificando com a produção da subalternidade de uns a manutenção da primazia de outros.

Vou um pouco além, precisamos também limpar essa sujidade, ao menos naquilo que nos faz acreditar na nossa debilidade, feiura e incapacidade. Não digo que este é um processo fácil e tão pouco indolor, como disse, os materiais que formam esse alicerce social, também fazem parte das nossas construções subjetivas e coletivas. Logo, mover o sustentáculo de uma edificação é entender que ela pode ruir e, embora esse seja nosso mais caro desejo, com ela também podem ruir certezas, ainda que destrutivas, com as quais nos acostumamos.

Não me entendam mal, não estou fazendo uma apologia à imobilidade, à passividade ou ao negativismo, ao contrário, estou colocando na mesa, algumas cartas que, muitas vezes, deixamos escondidas no baralho ou por dentro da manga. Combater qualquer modo de discriminação estruturante de nossa sociedade, passa por nos olharmos de frente e botarmos pra correr essas formas incrustadas nos nossos pensamentos, ações, moveres e relações, é reconhecer a eficiência do inimigo em plantar na nossa carne suas formas nefastas de nos enfraquecer, adoecer, desmobilizar, de nos matar. É mirar no espelho de Oxum e se reconhecer em toda a potência e imperfeição humana, de forma profunda, sem disfarces e com honestidade para com nossa inteireza.

Pode parecer que estou exaltando um caminho individualista, solitário e introspectivo e, é claro que muitos diálogos e enfrentamentos serão sim, caminhos trilhados pelos nossos próprios pés, entretanto, como nos informa outra grande tecnologia de existência, que nos possibilitou chegarmos ao hoje, essa é uma tarefa coletiva. E se fortalece, quanto mais entendermos e partilharmos nossas estratégias de luta, de bem estar, de autocuidado e de cura, quanto mais ouvirmos as estratégias de outras e outros em nosso tempo e em tempos passados, quanto mais desconfiarmos e rejeitarmos as viciadas e naturalizadas maneiras devoradoras de axé. Como afirma Vanda Machado sobre o contexto de ensinar-aprender vivenciado na comunidade de terreiro no Projeto Político-Pedagógico Irê Ayó⁶:

O ato de em-sinar é o que legitima a maioria e a iniciação dos membros da comunidade. Trata-se do saber vivido que não se opõe ao que é puramente intelectual. Ensina-se pelo emi, o sopro do encantamento da palavra e do outro. Neste contexto, é necessária a presença do outro que nos constrói. Eu preciso do outro para ensinar para encantar, para ser colocado no seu caminho, que é também o meu caminho. Das aprendizagens do outro depende a continuidade da tradição, da redistribuição da força da espiritualidade gerada pela entrega de saberes necessários à condição de ser e co-viver na comunidade (MACHADO, 2013, p. 22).

⁶ Projeto criado por Vanda Machado e implantado na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, Salvador, Bahia, na comunidade de terreiro Ilê Axé Opo Afonjá em 1986.

É necessário cercar nossos quilombos, nossos territórios corporais, geográficos, culturais, religiosos, nossos lugares de saberes. Fechar as portas, sabendo que teremos que abrir inúmeras outras para fazer o processo de contracolônização porteira adentro e, acreditem, esse movimento é ainda mais difícil. Pessoalmente, tenho cultivado, junto com uma grande amiga e parceira de conspirações⁷, um território germinante que tem como premissa, ser um lugar seguro, que busca com e pelo movimento, reflexões, perguntas, respostas, encontros e diálogos que possam, de algum modo, e com a ajuda de nossas ancestralidades, provocar as nossas colonialidades incrustadas nos corpos. No Núcleo de Pesquisa em Filosofias do Corpo⁸, dançando e capoeirando, vamos compreendendo as pistas para juntas, juntos, juntas, enfrentando com coragem, indignação, generosidade e alegria as marcas, limitações, julgamentos e dores que vamos descobrindo. Estas, fazem parte de histórias e experiências particulares, mas, possuem pontos de encontro, quando desvelamos suas bases nas estruturas ou nos modos sociais racistas e machistas.

Buscamos igualmente compartilhar as trilhas exitosas de prazer, força e cumplicidade que ajudam a adubar nosso espaço. É um território aberto a acolher, que não se pretende terapêutico, religioso, esotérico ou clínico, mas, que está disposto a nutrir e cultivar em grupo e nas particularidades, cada universo que chega. É um espaço de filosofia, sabença, estímulo a pensar, refletir, imaginar e inventar de corpo inteiro. Somos um projeto de extensão universitária e um núcleo de pesquisa, construímos e partilhamos nossas investigações acadêmicas e as conversas com outros espaços acadêmicos, artísticos, de organizações sociais, culturais e religiosas, formando redes e como diria Nego Bispo, buscando confluências (SANTOS, 2023).

⁷ Renata Giovana de Almeida Martiello (mestra Renatinha), pesquisadora e co-fundadora do Núcleo de Pesquisa em Filosofias do Corpo PPGF/UFRJ.

⁸ O Núcleo de Pesquisa em Filosofias do Corpo PPGF/UFRJ foi criado em 2022, tornando-se em 2024 um Programa de Extensão Universitária. Foi pensado para ser um espaço de reflexão incorporada ofertando um espaço onde o corpo e o movimento são os interlocutores e propositores das questões filosóficas.

Sabemos que outras ações estão acontecendo, com potência, beleza e singularidade, outras iniciativas, em diferentes campos do conhecimento, com diferentes abordagens e metodologias, estão entendendo a importância de aprofundar o confronto ao racismo e sexismo de forma incorporada. Esse é o nosso quilombo, sempre em plantio, reconhecendo os ciclos, os períodos de escassez e abundância, sempre tomando atenção aos sinais que nosso bioma apresenta, de olhos, ouvidos e peles abertos para entender as necessidades de mudança e de repensar nossas abordagens.

Entendemos que o movimento é o que nos organiza, nutre e provoca, é igualmente o espaço de diálogo para encontrarmos, nos entre corpos, possibilidades de contra colonizar os nossos territórios corporais. Esta é uma tarefa sempre em labor, mas ao contrário de algumas percepções de mundo, que creditam ao trabalho o lugar de penitência e castigo, para nós, para encontrarmos caminhos, precisamos caminhar. Assim, o trabalho é produção de energia, projeto coletivo, zelo com cada ação que realizamos, é exercício ético, político e social, é mandinga e oferenda. É com suor, prazer, incômodos, ativação muscular que lidamos com os saberes que se apresentam, com os limites, com as memórias, com a busca da nossa inteireza, sabendo que nunca haverá uma plenitude estática e final.

Nosso tempo-espaço do encontro vai se formando sem se prender a uma formatação, navegamos com base em alguns princípios que se atualizam a cada novo universo que atravessa a porta do espaço de nossas práticas. Alguns dos princípios que nos orientam são: (1) construir coletivamente um espaço seguro e acolhedor para a expressão, reflexão e ampliação de saberes sobre si e sobre o mundo; (2) buscar modos diferenciados de se relacionar com as trocas de saberes, com o aprendizado, saindo da perspectiva de erro e acerto; (3) nutrir um espaço de ativação da autonomia em relação aos saberes que irão emergir, mas, com a perspectiva de uma autonomia que se dá necessariamente em relação, ou seja, uma autonomia com atuação, reverberação e alimentação comunitária e dialógica; (4) buscar caminhos de saber, sobre uma perspectiva incorporada, onde não há espectadores, mas sim, experimentadores implicados corporalmente; (5) reafirmar o compromisso ético com nossas ancestralidades, pensadas na dinâmica de futuro-presente-passado, ou, de começo

meio e começo; (6) compreender a abertura para a reinvenção, adaptação e mudança, inerente ao movimento e, portanto, bem-vinda nos nossos encontros, planejamentos e conspirações coletivas. Certamente, outros princípios já estão atuando em nossas práticas sem que tenhamos nos dados conta, e, tantos outros ainda estarão por vir. São luzeiros que nos ajudam a estarmos atentas para não cairmos nas armadilhas colonialistas, colonizadoras que, seguramente, fazem parte de nossas caminhadas e de nossas subjetividades.

Retomando o título deste artigo: Mensagens da varanda: pode uma mulher negra voar? Digo que, na minha estrada, tenho encontrado algumas boas varandas que me permitem observar e aprender com os pássaros e ir aos poucos descobrindo a minha própria capacidade de voo. O Núcleo de Pesquisa em Filosofias do Corpo é uma dessas varandas, tenho outras como o Coletivo Lemagidé, o Instituto de Artes Tear, a equipe matrizes-tora dos trabalhos Canta Piá, Coloridos Coral e Cine em Canto. Todos, espaços germinantes, cambiantes, dançantes de produzir arte, ensinança e encontro. Voar é um ato de se permitir liberdade, de fazer as pazes com a sensação de vertigem e não ter medo da queda. Desde que me encontrei com essa sabença, tenho ensaiado meus voos de mulher negra como as grandes senhoras que moram nas árvores.

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- GONZALEZ, Lélia. Mulher negra: um retrato. In: *Primavera para as rosas negras*: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Rio de Janeiro: Filhos da África, 2108. p. 28-33.
- GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira In: *Primavera para as rosas negras*: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Rio de Janeiro: Filhos da África, 2018. p. 34-53.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. *Uma mulher fala*. Tradução de Ricardo Domeneck. Disponível em <https://www.escritas.org/pt/t/47873/uma-mulher-fala>. Acesso em: 08/dezembro/2024.

MACHADO, Vanda. *Pele da cor da noite*. Salvador: EDUFBA, 2013.

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras*: relações raciais, quilombos e movimentos. In: RATTTS, Alex (org.). 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SOUSA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Texto recebido em 16/12/2024 e aprovado em 15/10/2025